



ISSN: 2230-9926

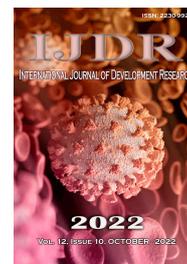
Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 12, Issue, 10, pp. 59728-59733, October, 2022

<https://doi.org/10.37118/ijdr.25607.10.2022>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

CARACTERÍSTICAS NEUROPSICOLÓGICAS DE AGRESSORES DE MULHERES: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Ana Paula Jesus da SILVA¹, Bruno Giovane MACHADO², Janaina Pereira BIGAISKI², Maria Priscila FRAGA², Ronei Canalli BONA², Agata Rubio de BRITO², Vanderlei Candido NEVES² and Antonio de Pádua SERAFIM³

¹Doutora em Psicologia da Saúde. Universidade Metodista de São Paulo, Programa de Doutorado em Psicologia da Saúde. Rua Alfeu Tavares, 149, Rudge Ramos, São Bernardo do Campo, São Paulo, Brasil; ²Acadêmico (a) de Psicologia. Centro Universitário Campos de Andrade – UNIANDRADE – Curitiba - Paraná – Brasil; ³Doutor em Ciências. Universidade de São Paulo/Universidade Metodista de São Paulo. Departamento de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina/Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde. São Paulo – São Paulo – Brasil

ARTICLE INFO

Article History:

Received 07th September, 2022
Received in revised form
28th September, 2022
Accepted 20th October, 2022
Published online 30th October, 2022

Key Words:

Agressor de mulheres; Agressor doméstico;
Perfil do agressor; Personalidade do agressor;
violência.

*Corresponding author:

Ana Paula Jesus da SILVA

ABSTRACT

Estudar a violência contra a mulher se faz necessário devido às altas estimativas de casos, porém pouco se sabe dos agressores. Assim, o objetivo deste estudo é verificar as características neuropsicológicas de agressores de mulheres por meio de uma revisão sistemática de literatura. Foi considerado o período entre 2015 e 2020 nas bases Pubmed e Scielo. Primeiramente foram identificados 31 artigos que abordavam a violência doméstica, mas utilizados 17 que focavam no perfil do agressor. Traços de agressividade, temperamento, uso de álcool e ciúme, foram os principais disparadores de agressão, bem como a presença de comportamentos controladores entre os parceiros. A identificação de variáveis que potencializam a violência de agressores de mulheres, especialmente aspectos cognitivos, se fazem necessários para o desenvolvimento de programas de prevenção.

Copyright © 2022, Ana Paula Jesus da SILVA et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Ana Paula Jesus da SILVA, Breno Rogério Ferreira RAMOS, Henrique Vaz da ROSA, Fernanda Ellen dos SANTOS, Jonatas Onofre Mariano LUIZ, Kauhan de Abreu MACHADO, Jéssica Silva de JESUS and Antonio de Pádua SERAFIM. 2022. "Características neuropsicológicas de agressores de crianças: Uma revisão sistemática", *International Journal of Development Research*, 12, (10), 59728-59733.

INTRODUCTION

Homens agressores podem ver a violência como normal, com o argumento de que é um ato educativo ou, ainda, um modo de ser; justificam o uso da violência contra a mulher por ciúme/infidelidade, desemprego, dificuldade financeira, dependência química (Oliveira & Gomes, 2011). Os autores ainda trazem que os agressores tendem a culpabilizar a vítima com cobranças e falta de compreensão, recusa sexual, confrontação, domínio sobre o companheiro, desonestidade e desobediência. As brigas ainda podem se dar em meio a discussões sobre criação de filhos e finanças da casa, divergências quanto aos papéis de homem e mulher, dificuldade de dialogar. De acordo com Cortez et al. (2005), as características dos homens agressores de

mulheres são: isolados socialmente, expressam ciúme, baixa autoestima, uso abusivo de álcool ou drogas, insegurança, possessividade, visões estereotipadas sobre papéis de gênero, possíveis problemas de personalidade, histórico de violência na infância, depressão, ansiedade e a tendência à minimização da agressão ou negação do comportamento agressivo. Por outro lado, fatores como alterações da personalidade podem contribuir para o aumento dessa violência. Hare (2004) traz que 60% dos agressores de mulheres possuem indicativos de psicopatia. A psicopatia pode ser diferenciada de outros distúrbios da personalidade com base em seu padrão característico de manifestações interpessoais, afetivas e comportamentais. No âmbito interpessoal, os psicopatas são grandiosos, centrados em si, manipuladores, dominadores, determinados e frios. No aspecto afetivo, apresentam labilidade e

superficialidade emocional, são incapazes de manter vínculos estáveis com pessoas, propósitos ou metas, carecem de empatia, de ansiedade e de genuíno sentimento de remorso ou culpa. Os psicopatas têm comportamentos impulsivos, são ávidos de sensações e prontamente violam as regras sociais. A expressão mais óbvia dessas predisposições envolve criminalidade, abuso de substâncias psicoativas e incapacidade de cumprir obrigações e responsabilidades sociais (Hare, 2004). Já Bartol e Bartol (2008), por sua vez, sinalizam que o agressor de mulheres assume o perfil de um típico abusador em série, uma vez que possui histórico de abuso com outras mulheres em outros relacionamentos. Neste contexto, o relacionamento passa por estágios, desde o início onde o relacionamento parece intenso e maravilhoso, até as sutis cobranças e demonstrações de ciúmes com o subsequente episódio do primeiro incidente agressivo, em que o agressor culpabiliza a vítima e passa a controlar gradativamente seu comportamento, relacionamentos, horários, até restringi-la ao isolamento do lar, com as agressões reiniciando gradativamente. A mulher permanece no relacionamento por medo, vergonha, dependência financeira do companheiro, mas especialmente medo, uma vez que as mesmas são ameaçadas de morte diante da eminência de um possível abandono (Bartol & Bartol, 2008). Em março de 2015 foi sancionada a Lei 13.104/2015, a Lei do Feminicídio, classificando-o como crime hediondo e com agravantes quando acontece em situações específicas de vulnerabilidade (gravidez, menoridade, na presença de filhos, etc.). Existe feminicídio quando a agressão envolve violência doméstica e familiar, ou quando evidencia menosprezo ou discriminação à condição de mulher, caracterizando crime por razões de condição do sexo feminino. Devido às limitações dos dados atualmente disponíveis, entende-se por feminicídio as agressões cometidas contra uma pessoa do sexo feminino no âmbito familiar da vítima que, de forma intencional, causam lesões ou agravos à saúde que levam a sua morte.

No entanto, numa tentativa de coibir a violência doméstica, anterior a Lei do Feminicídio já vigorava a Lei Maria da Penha. Neste contexto, no Mapa da Violência (2015) se for considerado o período em que a Lei Maria da Penha entra em vigor em 2006, observa-se que num primeiro momento, em 2007, registrou-se uma queda expressiva nas taxas de homicídio, de 4,2 para 3,9 por 100 mil mulheres. No entanto, rapidamente a violência homicida recuperou sua escalada, ultrapassando a taxa de 2006. Tais dados permitem concluir que as consequências de tais crimes podem não ter sido suficientemente intimidadoras para seus perpetradores. Muitas mulheres vítimas da violência de gênero sofrem danos psicológicos graves como o Transtorno do Estresse Pós-Traumático (TEPT), sendo uma das consequências alterações cognitivas detectadas por meio da avaliação neuropsicológica e sujeitas a reabilitação específica (Serafim et. al. 2017). Os autores ainda apontam que se faz necessário expor as principais características ou elementos identificados em agressores da violência de gênero como: ter vivido em contextos familiares violentos, especialmente nos que existiu violência de gênero; ter sido vítima de violência; ter sofrido abusos sexuais na infância; ter exercido violência de gênero em outros relacionamentos afetivos; recorrer à violência fora do contexto familiar. A literatura destaca como fatores de risco mais fortemente e consistentemente relacionados a violência: histórico de comportamento agressivo na infância, abuso de substâncias, evasão escolar e o pertencimento a gangues, condenações na menoridade e a má conduta na instituição prisional, comportamento antissocial violento e psicopatia (Lattimore et. al., 1995; Harris & Rice, 1997; Cale, Plecas, Cohen & Fortier, 2010; Trulson, Darin, Haerle, DeLisi & Marquart, 2011; Serafim et. al., 2014; Silva, Rocha & Serafim, 2016). Visto isto, buscou-se com este estudo, verificar o perfil neuropsicológico de agressores de mulheres.

MÉTODO

Para esta revisão da literatura foram considerados artigos em português e inglês entre 2015 e 2020 nas bases de dados Pubmed e Scielo com os seguintes descritores: *violence*, *crime against women*, *crime against children*, *violence AND women*, *violence AND child*,

sexual AND assault, *physical AND aggression*, *profile of the sexual offender*, *violence AND homicide*, *sexual abuse*, *intimate partner violence*. Na primeira análise foram identificados 31 artigos consideráveis, após a leitura do abstract foram excluídos 9 que focavam unicamente a vítima, totalizando 22 artigos, dos quais 17 tratavam do perfil do agressor de mulher propriamente dito, de acordo com a tabela 1.

RESULTADOS

Estudar a violência contra a mulher se faz necessário devido às altas estimativas de casos envolvendo tal fenômeno. As consequências para as vítimas são diversificadas e muito se tem feito para proteger a mulher e/ou auxiliá-la a identificar e deixar um relacionamento abusivo. No entanto, poucos estudos são feitos com relação ao perfil do agressor ou estratégias de intervenção eficazes, além das sanções que preveem a Lei Maria da Penha bem como o Código Penal com o agravante recente representado pela Lei do Feminicídio. A justiça retributiva pode ser insuficiente para gerar mudança de comportamento e prevenir a reincidência do crime, e isso fica evidente uma vez que os números representativos de violência contra a mulher, inclusive feminicídio, só aumentam, a despeito da suposta punição dos agressores. Sendo assim, é importante entender questões atreladas ao perfil do agressor. Gedrat et. al. (2020) fizeram uma pesquisa com 20 agressores em uma cidade paranaense do Brasil. A pesquisa trouxe que a prevalência dos homens foi na faixa de 30 anos e escolaridade geralmente baixa. Embora ocorram registros de violência contra a mulher em todas as classes sociais, tendo em vista ser também uma questão cultural ligada à herança portuguesa patriarcal do Brasil, há uma relação direta entre baixa renda, baixa escolaridade e comportamento violento por parte dos agressores. Em países como o Brasil, com elevada desigualdade social e baixos índices de escolaridade, é possível que estas variáveis possam ser associadas a altos índices observados de violência contra a mulher, entretanto, uma ampla investigação dessa associação necessita ser realizada. Gatilhos para violência física entre parceiros íntimos, sendo os perpetradores tanto homens quanto mulheres, foi o foco de um estudo também brasileiro realizado com 144 mulheres envolvidas em situações de violência em Minas Gerais (Bhona et. al., 2020). Características pessoais do autor da violência como agressividade e temperamento; uso de álcool por parceiro masculino que implica em reação de confronto da mulher; e aspectos relacionados à relação afetiva e conjugal como ciúme foram os principais disparadores de agressão encontrados no estudo. Os dados sobre o contexto das agressões perpetradas, bem como a presença de comportamentos controladores entre os parceiros, revelaram diversos graus de dominação nas relações, aspectos relevantes para a compreensão do fenômeno.

Sobre o perfil sociodemográfico do agressor, um estudo realizado com 938 mulheres com parceiros íntimos num estado brasileiro (Leite et. al., 2019) trouxe que a maioria dos parceiros apresenta idade inferior a 40 anos e maior prevalência de violência psicológica praticada pelo parceiro íntimo entre mulheres cujos companheiros tinham menor escolaridade. Comportamento controlador do homem e o fato da mulher não possuir ocupação aumentaram a prevalência de mulheres em situação de violência psicológica, física e sexual. Consumo de drogas pelo parceiro íntimo esteve associado à maior prevalência de violência, com a ingestão de bebida alcoólica mais associada à violência psicológica e física. Outro estudo brasileiro analisou dados extraídos dos documentos que envolveram 76 homens entre 20 e 62 anos de idade que foram participantes de um grupo reflexivo (Vasconcelos & Cavalcante, 2019). A referente pesquisa apontou entre os resultados a predominância do ensino fundamental incompleto, o uso de álcool e/ou outras drogas, o convívio de mais de dez anos com a mulher e a existência de um vínculo afetivo com o agressor, o que, frequentemente, faz com que a mulher evite denunciar a agressão sofrida. A presença de violência psicológica associada a outras formas de violência, sendo que, por envolver comportamentos que comumente são encarados como normais pela sociedade patriarcal, sua identificação é complexa e, às vezes, as

próprias mulheres não percebem que se encontram em um relacionamento abusivo. Dessa forma, por diferentes motivos, a mulher tende a se manter nesta condição, ora por não perceber que sofre violência em seu cotidiano, ora por medo de agressões mais graves, ou até por acreditar que o homem não voltará a cometer o ato violento (Vasconcelos & Cavalcante, 2019). A narrativa de quatro homens, também participantes de um grupo reflexivo realizado no Sul do Brasil, revelou ainda que a justificativa para a “agressividade” foi depositada no “outro”. E este “outro”, por muitas vezes, pôde ser identificado como uma referência aos vínculos sociais e aos sentidos do ser homem. Foi possível constatar que o modo como os sujeitos percebem suas trajetórias de vida, permeadas pelas experiências de resistência e construção frente a um contexto que, segundo eles, havia falta de carinho, agressividade e ausência, sobretudo paterna, parece construir um cenário propício para a emergência da violência. (Garcia & Beiras, 2019).

Atitudes de aceitação da violência foram observadas em uma pesquisa com agressores de mulheres (Abramsky et. al., 2020). O estudo com 425 agressores realizado na Tanzânia apontou que 40% dos parceiros do sexo masculino pesquisados haviam sido espancados quando crianças pelo menos algumas vezes, com 14% dizendo que foram atingidos com tanta força que foram marcados ou feridos. Entre as mulheres, por sua vez, observou-se o relato de experiências de abuso sexual quando criança. Tal estudo apresentou que a violência por parceiro íntimo no âmbito sexual esteve associada a experiências de abuso sexual na infância, além do uso de álcool pelos homens e problemas de saúde mental das mulheres. Entre as causas para a violência, o ciúme foi um fator investigado em um estudo com 40 homens, sendo 20 perpetradores de violência doméstica e 20 não perpetradores (Priolo Filho et. al., 2019). O estudo evidenciou que o ciúme combinado à ansiedade excessiva pode contribuir para a violência do parceiro íntimo. O uso de drogas e álcool também foi apresentada como uma variável de risco e a volatilidade emocional do perpetrador de violência como um possível problema de saúde mental. Além disso, a avaliação cuidadosa das respostas cognitivas e comportamentais após um episódio de violência é relevante, pois fornece ao profissional pistas importantes sobre os riscos potenciais que o perpetrador de violência representa para terceiros e para si mesmo. Em uma escalada do comportamento violento, analisar perpetradores de violência por parceiros íntimo e homicidas de parceiro íntimo na sua forma tentada ou consumada foi objetivo de um estudo realizado por Abrunhosa et. al. (2020), com 245 participantes em Portugal. Os resultados apontaram que os perpetradores de violência por parceiro íntimo eram mais propensos a comportamentos violentos. Na verdade, o homicídio na sua forma consumada ou tentada pode ser associado a estados emocionais resultantes de separação da vítima ou mesmo variáveis situacionais que podem precipitar esses eventos, como o uso de armas. Condenações anteriores por crimes violentos são consideradas fatores importantes para reincidência de violência por parceiro íntimo, o que têm implicações tanto em termos de previsão quanto de gerenciamento de risco, além de correlação com psicopatia. A frequência da violência conjugal e história prévia de comportamento violento não são preditores de homicídio tentado ou consumado, mas apenas de violência propriamente dita, o que torna esses fenômenos mais difíceis de prever (Abrunhosa et. al., 2020). No mesmo estudo, altas taxas de consumo de álcool representou um fator de risco significativo para homicídio na sua forma tentada.

Comum em todos os achados científicos pesquisados foi a violência contra a mulher intimamente relacionada ao consumo de álcool pelo parceiro (Bhona et. al., 2020; Leite et. al., 2019; Vasconcelos & Cavalcante, 2019; Garcia & Beiras, 2019; Priolo Filho et. al., 2019). Sabe-se que explicar um comportamento implica em entender seus condicionantes históricos. Diz respeito a como o comportamento criminoso é adquirido, evocado, mantido e modificado (Gomide, 2016). Desta forma, é importante considerar a história de vida do sujeito e a relação entre a violência inicialmente vivida e posteriormente praticada. Experiência e testemunho de violência na infância, comportamentos de risco (múltiplos parceiros, sexo transacional, uso de substâncias) e ter atitudes permissivas em relação

à violência contra a mulher são os principais fatores de risco para a agressão sexual ou física de parceiros íntimos (Chirwa et. al., 2018). Ter testemunhado o abuso da mãe aumenta o risco de perpetração de violência por parceiro íntimo na idade adulta. A associação significativa entre testemunhar a violência entre os pais e ter atitudes que endossam a violência contra a mulher faz a ponte entre a exposição à violência na infância e a perpetração de violência por parceiro íntimo mais tarde na vida. Isso é consistente com outros estudos que examinaram a transmissão intergeracional da violência contra a mulher (Chirwa et. al., 2018). Tal relação é impulsionada em parte por conceitos psicossociais da Teoria da Aprendizagem Social que mostrou que os indivíduos aprendem como se comportar observando e imitando indivíduos importantes em seu ambiente social. O estudo realizado em Ghana (Chirwa et al. 2018) trouxe resultados que enfatizam a necessidade urgente de intervenções de prevenção primária que possam abordar a transmissão intergeracional da violência e as atitudes permissivas de gênero aprendidas que toleram o controle e domínio dos homens sobre as mulheres. Um estudo chinês realizado por Chang et al. (2019) abordou o impacto do abuso e a negligência no sistema de apego emergente levando à desregulação emocional e um aumento nos níveis de cortisol. À medida em que as experiências adversas na infância aumentaram, as chances de risco para Transtorno do Estresse Pós-Traumático, doença crônica, depressão, tabagismo e alcoolismo durante a idade adulta aumentaram significativamente.

Com relação às características da história de vida e de personalidade de homens que perpetraram violência contra a mulher, em um estudo com três participantes realizado numa região brasileira, foi possível perceber que os laços afetivos remotos por eles estabelecidos foram caracterizados pelo desamparo e pela violência. Os resultados permitem compreender a violência cometida pelos participantes como decorrente de uma história de vida marcada por vivências traumáticas que produziram falhas na expressão da agressividade (Stenzel & Lisboa, 2019). Mesmo sendo pequeno o número de participantes do estudo de Stenzel e Lisboa (2019), a história de vida marcada por experiências traumáticas se confirmou num estudo com uma amostra de 170 casais heterossexuais (Madalena et. al. 2018). O referido estudo sinalizou o poder preditivo das experiências na família de origem e de características patológicas da personalidade para a ocorrência de violência conjugal. O resultado da pesquisa trouxe como preditores de violência física nos homens as variáveis abuso físico paterno e características de agressividade na personalidade. As variáveis abuso sexual e evitação social estão positivamente associadas à violência física, enquanto a variável ajustamento psicológico paterno apresentou uma correlação negativa, mostrando-se protetiva em relação à ocorrência de violência. Instabilidade de humor, agressividade e impulsividade foram sinalizadas na personalidade também como preditores de violência conjugal. A característica de personalidade que melhor explicou a perpetração da violência pelas mulheres foi a instabilidade de humor, a qual está mais relacionada à Personalidade Borderline, já a que se mostrou como preditora para os homens foi agressividade, associando-se mais à Personalidade Antissocial. A relação entre estas variáveis é referida pela teoria da aprendizagem social, proposta por Bandura, que compreende esta questão através da repetição que a criança faz dos comportamentos de seus modelos. Assim, a violência pode ser encarada como uma estratégia para resolução de problemas. Nesta perspectiva, o sexo do modelo contribui para a imitação, de forma que é relevante considerar as implicações dos papéis de gênero no desenvolvimento.

Conhecer como se constituíram as vivências na família de origem de homens envolvidos em relações conjugais violentas também foi objeto de um estudo realizado com nove autores de violência respondendo processos judiciais na Região Sul do Brasil (Brasco & De Antoni, 2020). No estudo foram utilizados os pressupostos da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH), de Urie Bronfenbrenner. A TBDH possibilita uma leitura contextualizada das histórias de vida desses homens, principalmente durante os períodos da infância / adolescência e da dinâmica familiar experienciada por eles, bem como essa vivência pode influenciar suas relações atuais.

Tabela 1. Estudos selecionados para revisão. Curitiba (PR), 2021

AUTOR	TÍTULO	ANO	OBJETIVOS	AMOSTRA
Chirwa, et. al.	Prevalence and risk factors of physical or sexual intimate violence perpetration amongst men in four districts in the central region of Ghana: Baseline findings from a cluster randomised controlled trial.	2018	Avaliar a prevalência e os fatores de risco para perpetração de violência sexual ou física por parceiro íntimo entre homens.	2126 homens
Abramsky, et. al.	Couples data from north-western Tanzania: Insights from a survey of male partners of women enrolled in the MAISHA cluster randomized trial of an intimate partner violence prevention intervention.	2020	Descrever características de parceiros masculinos de mulheres participantes de uma intervenção de prevenção de VPI, na cidade de Mwanza, na Tanzânia.	425 homens
Chang, et. al.	Associations between adverse childhood experiences and health outcomes in adults aged 18–59 years.	2019	Examinar a relação entre experiências adversas na infância e comportamentos relacionados à saúde, doenças crônicas e saúde mental em adultos.	1.501 chineses
Choy, et. al.	Stimulation of the Prefrontal Cortex Reduces Intentions to Commit Aggression: A Randomized, Double-Blind, Placebo-Controlled, Stratified, Parallel-Group Trial.	2018	Testar se a estimulação do córtex pré-frontal dorsolateral usando estimulação transcraniana por corrente contínua para reduzir a probabilidade de envolvimento em atos agressivos.	81 agressores
Molero-Chamizo, et. al.	Bilateral Prefrontal Cortex Anodal tDCS Effects on Self-reported Aggressiveness in Imprisoned Violent Offenders.	2019	Explorar o efeito de um protocolo de estimulação de corrente contínua transcraniana anódica, que, de acordo com estudos anteriores, aumenta a excitabilidade cortical, aplicada bilateralmente sobre o córtex pré-frontal na agressividade autorrelatada.	41 agressores
Gedrat, et. al.	Perfil dos parceiros íntimos de violência doméstica: uma expressão da questão social brasileira.	2020	Pesquisar características dos parceiros íntimos que praticam violência doméstica contra a mulher.	20 homens
Bhona, et. al.	Intimate Partner Violence: Controlling Behavior and Triggers of Aggression	2020	Estudar a ocorrência de violência física entre parceiros íntimos, a partir dos relatos de mulheres envolvidas nessas situações, identificando as circunstâncias nas quais a violência física ocorre.	144 mulheres
Leite, et. al.	Violência contra a mulher e sua associação com o perfil do parceiro íntimo: estudo com usuárias da atenção primária	2019	Verificar associação entre a história de violência contra a mulher e características sociodemográficas e comportamentais do parceiro íntimo.	938 mulheres
Garcia, A. L. C. & Beiras, A.	A Psicologia Social no Estudo de Justificativas e Narrativas de Homens Autores de Violência	2019	Evidenciar como os sentidos de si e do Outro identificados em narrativas de homens autores de violência sustentam e justificam a ação violenta cometida.	4 homens
Vasconcelos, C.S.S. & Cavalcante, L.I.C.	Caracterização, reincidência e percepção de homens autores de violência contra a mulher sobre grupos reflexivos.	2019	Caracterizar homens autores de violência contra mulheres que participaram de um grupo reflexivo.	76 homens
Priolo Filho, et. al.	Jealousy and anxiety in male domestic abusers: A comparative study.	2019	Investigar a relação entre o ciúme da parceira e o nível de ansiedade de homens perpetradores de violência.	40 homens
Lopes, R.F. & Gouveia-Pereira, M.	Efeitos individuais e familiares em crimes: Abuso sexual, violência conjugal e homicídio.	2017	Analisar se existem diferenças ao nível do funcionamento familiar, do autocontrole e da inteligência emocional em função de três crimes: abuso sexual, violência conjugal e homicídio.	92 homens presos
Stenzel, G.Q.L. & Lisboa, C.S.M.	Life History and Personality Characteristics of Marital Aggressors: Psychoanalytic Contributions.	2019	Investigar as características da história de vida e de personalidade de homens detidos que perpetraram violência contra a mulher.	3 detentos
Madalena, et. al.	Violência Conjugal: O Poder Preditivo das Experiências na Família de Origem e das Características Patológicas da Personalidade.	2018	Investigar o poder preditivo das experiências na família de origem e das características patológicas da personalidade para a violência conjugal, cometida e sofrida.	170 casais
Brasco, P.J. & De Antoni, C.	Violências Intrafamiliares Experienciadas na Infância em Homens Autores de Violência Conjugal	2020	Conhecer como se constituíram as vivências na família de origem de homens envolvidos em relações conjugais violentas.	9 homens
Abrunhosa, et. al.	Crimes Against Women: From Violence to Homicide.	2020	Analisar se os perpetradores de violência por parceiros íntimo, homicidas de parceiro íntimo e tentativa de homicídio por parceiro íntimo diferem entre si.	245 detentos
Carlson, et. al.	Child maltreatment and risk behaviors: The roles of callous/unemotional traits and conscientiousness.	2015	Examinar o caminho indireto de maus-tratos infantis a comportamentos de risco por meio de traços insensíveis.	361 jovens adultos e pais

Os resultados indicaram que a construção das masculinidades desses homens sofreu influência de suas vivências anteriores, pautadas por modelos parentais severos, abusivos e negligentes. A figura de referência masculina foi vista como ausente e rígida, exercendo controle sobre o microsistema familiar.

Essas experiências podem revelar a construção de um modelo no qual o homem acredita que seu papel também deva ser desempenhado por controle e domínio baseados na violência. Isso pode ser considerado um fator de risco para o envolvimento em relações conjugais violentas. No estudo de Brasco e De Antoni (2020) observou-se a

presença de negligência afetiva por parte das pessoas que deveriam exercer o papel de cuidadores. Embora a perspectiva sistêmica não seja determinista em relação a causalidade e efeito, a circularidade dessas vivências pode promover ações pautadas no sentimento de desamparo, ou de não acolhimento de suas demandas emocionais. O estudo feito por Madalena et. al. (2018) demonstrou que homens sofrem influência das experiências abusivas na família de origem de forma mais significativa do que mulheres. Ou seja, o impacto das experiências de abuso na infância podem ser considerados fatores de risco para perpetração da violência conjugal. O estudo de Brasco e De Antoni (2020) trouxe que além da negligência, as punições envolvem controle externo e relação de poder e dominação, o que sinaliza a influência transgeracional em relação à incidência de comportamento violento na idade adulta. As punições via agressão também podem aparecer por meio do descontrole de impulsos, os quais aumentam a possibilidade de resolver os conflitos com comportamentos agressivos. A reprodução de atos de violência pode ser notada principalmente em crianças que experienciaram esses episódios e é utilizada por elas na vida adulta como forma de resolução de conflitos (Chirwa et al. 2018; Madalena et al. 2018).

Carlson et. al. (2015) realizaram um estudo que buscou examinar o caminho indireto de maus-tratos infantis a comportamentos de risco por meio de traços de insensibilidade; ao passo que o traço de personalidade consciencioso foi testado como um moderador dessa via indireta. A pesquisa foi realizada com 361 jovens universitários. Os resultados sugerem que há associações entre a gravidade das experiências de maus-tratos relatadas na infância e subseqüentes traços de insensibilidade / falta de emoção elevados. Assim, existe uma ligação significativa entre ser maltratado e níveis elevados de insensibilidade potencializando o envolvimento em situações de risco. De fato, níveis aumentados de insensibilidade foram positivamente associados a brigas físicas, sexo com estranhos e consumo excessivo de álcool. Cada um desses comportamentos tem ou pode ter resultados negativos para si e para os outros, como a escolha involuntária de um parceiro violento. Por outro lado, o tipo de personalidade consciencioso amorteceu significativamente a conexão insensibilidade e agressividade manifesta. Ou seja, traços de insensibilidade são fatores importantes no mecanismo subjacente entre maus-tratos infantis e comportamentos de risco entre adultos jovens, mas a consciência serve como um fator de proteção contra a violência. Existe também um papel relevante neurológico implicado em comportamento violento. Os resultados de uma pesquisa que discorre sobre o papel do córtex frontal na modulação da agressão e da violência trouxeram evidências experimentais de que o aumento da atividade no córtex pré-frontal pode reduzir as intenções de cometer agressão e aumentar a percepção da ilicitude moral dos atos agressivos (Choy et al. 2018). Os resultados da referida pesquisa sinalizam os fundamentos biológicos da agressão e apresentam a relação tratamento-intenção agressiva, a qual foi parcialmente explicada pela percepção de que os atos agressivos eram moralmente errados, resultado de mecanismos neurais que regulam a agressão.

A atividade reduzida dos lobos frontais, e particularmente do córtex pré-frontal, por sua vez, tem sido relacionada a comportamento violento, agressão e crime. A importância causal da atividade do córtex pré-frontal para comportamentos agressivos e a auto percepção da agressividade foi estudada numa pesquisa com 41 homens presos (sendo a metade deles por crimes de homicídio), com o objetivo de explorar o efeito de um protocolo de estimulação de corrente contínua transcraniana anódica (Molero-Chamizo et. al. (2019). Os resultados revelaram um efeito de redução da agressão em duas dimensões (física e verbal). Considerando os crimes de abuso sexual, homicídio e violência conjugal, um estudo português realizado com 92 detentos acusados dos referidos crimes, mostrou que os abusadores sexuais apresentaram maiores níveis de autocontrole que os demais agressores. Estes resultados parecem apontar que os abusadores sexuais sejam menos impulsivos do que os restantes agressores (não sexuais). O estudo trouxe que esses indivíduos não agem impulsivamente, no sentido de que alguns abusadores sexuais utilizam estratégias de sedução com as vítimas, tendo como objetivo construir relações de confiança e de afeto com as mesmas. Estes

agressores são capazes de adiar a gratificação imediata, revelando capacidade de autocontrole. Os resultados sobre a inteligência emocional e os tipos de crimes, no entanto, mostraram que os participantes condenados por abuso sexual são aqueles que apresentam menor inteligência emocional e maiores dificuldades na expressão emocional em comparação com os participantes que cometeram a violência conjugal, bem como na capacidade para lidar com as emoções quando comparados com os homicidas e com os agressores conjugais (Lopes & Gouveia-Pereira, 2017).

DISCUSSÃO

Estudos de uma maneira geral têm sido realizados com relação à mulher vítima de violência. No entanto, pouco se tem feito em relação ao agressor. As penas preveem detenção. Os presos por crimes contra a mulher normalmente são estigmatizados e ainda não aceitos pela própria comunidade de presos por outros crimes. Os estudos mais recentes, apontados nesta revisão, sinalizam que a prevalência de agressores de mulheres encontra-se na faixa de 30 anos e escolaridade geralmente baixa. Entre as causas para a violência, o ciúme combinado com o uso de drogas e álcool foi apresentada como uma variável de risco. A história de vida marcada por experiências traumáticas como abuso físico paterno e modelos parentais severos, abusivos e negligentes foram encontrados como fatores de risco importantes, uma vez que a criança tende a reproduzir o modelo observado e generalizar para outros ambientes, inclusive para suas próprias relações. O uso do álcool e drogas foi considerado um fator de risco importante em todos os estudos analisados, desde a vivência na família de origem com genitores usuários de substâncias psicoativas, até o uso pelos próprios perpetradores de violência, agora em idade adulta. Como já sinalizado, poucos estudos foram encontrados enfocando o autor da violência perpetrada contra a mulher. Assim, faz-se necessário que o entendimento desse fenômeno, origem e repercussões também busquem focar os autores de violência, além da preocupação unicamente com a vítima, uma vez que tais perpetradores de violência certamente tenderão a manter o mesmo repertório comportamental com outras parceiras, caso não seja feita com eles uma intervenção mais efetiva. Futuras pesquisas devem ser feitas enfocando a busca de um perfil do agressor com vistas a elaborar programas de intervenção mais eficazes. Sabe-se que o homem abusador possui um típico perfil de abusador em série, o que significa que procurará outras companheiras com quem reproduzirá o mesmo repertório comportamental controlador e abusivo. O trabalho com as vítimas é de fundamental importância a fim de evitar novos relacionamentos problemáticos, daí a necessidade de programas de prevenção visando orientá-las sobre um possível padrão de envolvimento em relacionamentos abusivos. No entanto, pouco se tem feito pelo agressor, até pelo estigma que carrega pelo crime cometido mesmo dentro do sistema prisional. No entanto, pensar em estratégias de intervenção considerando o perfil de cada agressor deve possibilitar o entendimento do fenômeno e possível diminuição da reincidência criminal.

CONCLUSÃO

As consequências para as vítimas de violência são diversificadas e muito se tem feito para proteger a mulher e/ou auxiliá-la a identificar e deixar um relacionamento abusivo. No entanto, poucos estudos são feitos com relação ao perfil do agressor ou estratégias de intervenção eficazes. A justiça retributiva pode ser insuficiente para gerar mudança de comportamento e prevenir a reincidência do crime. Sendo assim, é importante entender questões atreladas ao perfil do agressor.

Contribuição: Todos os autores do artigo contribuíram de forma substancial, tais como concepção e desenho da pesquisa, busca de artigos em bases de dados usando descritores e alimentando planilhas com artigos pertinentes para uma revisão sistemática sobre o tema, análise dos artigos e seleção dos materiais pertinentes para uso e organização do texto.

REFERÊNCIAS

- Abramsky, T., Kapinga, I., Mshana, G., Lees, S., Hansen, C. H., Hashim, R., Stöckl, H., Kapiga, S., e Harvey, S. 2020. Couples data from north-western Tanzania: Insights from a survey of male partners of women enrolled in the MAISHA cluster randomized trial of an intimate partner violence prevention intervention. *PLOS ONE*, 15(10), e0240112. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0240112>
- Abrunhosa, C., de Castro Rodrigues, A., Cruz, A. R., Gonçalves, R. A., & Cunha, O. 2020. Crimes against women: From violence to homicide. *Journal of interpersonal violence*, 0886260520905547.
- Bartol, C. R. e Bartol, A. M. 2008. *Introduction to Forensic Psychology: Research and Application*. Sage, Lon Angeles
- Bhona, F. M. C., Gebara, C. F. P., Noto A. R., & Lourenço L. M. 2020. Intimate Partner Violence. *Paidéia*, Vol. 30, e3032. Doi: <https://doi.org/10.1590/1982-4327e3032>
- Brasco, P. J., & De Antoni, C. 2020. Violências Intrafamiliares Experienciadas na Infância em Homens Autores de Violência Conjugal. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 40. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003218119>
- Cale, J.; Plecas, D.; Cohen, I. M. & Fortier, S. 2010. An exploratory analysis of factors associated with repeat homicide in Canada. *Homicide Studies*. 14(2) 159–180.
- Carlson, M.; Oshri, A. e Kwon J. 2015. Child maltreatment and risk behaviors: The roles of callous/unemotional traits and conscientiousness. *Child Abuse & Neglect*, 50, 234–243. <http://dx.doi.org/10.1016/j.chiabu.2015.07.003>
- Chang, X., Jiang, X., Mkandarwire, T., & Shen, M. 2019. Associations between adverse childhood experiences and health outcomes in adults aged 18–59 years. *PloS one*, 14(2), e0211850.
- Chirwa, E. D., Sikweyiya, Y., Addo-Lartey, A. A., Ogum Alangea, D., Coker-Appiah, D., Adanu, R., & Jewkes, R. (2018). Prevalence and risk factors of physical or sexual intimate violence perpetration amongst men in four districts in the central region of Ghana: Baseline findings from a cluster randomised controlled trial. *PloS one*, 13(3), e0191663. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0191663>
- Choy, O., Raine, A., e Hamilton, R. H. 2018. Stimulation of the Prefrontal Cortex Reduces Intentions to Commit Aggression: A Randomized, Double-Blind, Placebo-Controlled, Stratified, Parallel-Group Trial. *The Journal of neuroscience: the official journal of the Society for Neuroscience*, 38(29), 6505–6512. <https://doi.org/10.1523/JNEUROSCI.3317-17.2018>
- Cortez, M. B.; Padovani, R. da C.; Williams, L. C. de A. Terapia de grupo cognitivo-comportamental com agressores conjugais. *Estudos em Psicologia*. Campinas, v. 22, n. 1, p. 13-21, mar. 2005.
- Delisi, M. 2009. Psychopathy is the unified: theory of crime. *Youth Violence and Juvenile Justice*. Vol. 7, nº 3, 256-273.
- Garcia, A. L. C., e Beiras, A. 2019. A psicologia social no estudo de justificativas e narrativas de homens autores de violência. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 39 (n.spe 2), e225647,45-58. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003225647>
- Gedrat, D.C.; Silveira, E.F.; Almeida Neto, H. 2020. Perfil dos parceiros íntimos de violência doméstica: uma expressão da questão social brasileira. *Serv. Soc. Soc.*, São Paulo, n. 138, p. 342-358. <http://dx.doi.org/10.1590/0101-6628.216>
- Gomide, P. I. C. 2016. Áreas de atuação da Psicologia Forense In: Gomide, P. I. C. Staut Jr. *In Introdução Psicologia Forense*. Curitiba: Juruá.
- Hare, R. D. 2004. *Escala Hare PCL-R*. Versão brasileira: Hilda Morana. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Harris, G. T. e Rice, M. E. 1997. Risk appraisal and management of violent behavior. *Psychiatric Services*. Vol. 48 nº. 9.
- Lattimore, P.; Visher, C. e Linster, R. 1995. Predicting rearrest for violence among serious youthful offenders. *Journal of Research in Crime and Delinquency*. 32, (1). 54-83.
- Leite, F.M.C.; Luis, M.A.; Amorim, M.H.C.; Maciel, E.L.N. e Gigante, D.P. 2019. Violência contra a mulher e sua associação com o perfil do parceiro íntimo: estudo com usuárias da atenção primária. *Revista Brasileira de Epidemiologia*; 22: E190056 DOI:10.1590/1980-549720190056.
- Lopes, R. F., & Gouveia-Pereira, M. 2017. Efeitos individuais e familiares em crimes: Abuso sexual, violência conjugal e homicídio. *Análise Psicológica*, 35(3), 323-338.
- Madalena, M., Carvalho, L. D. F., & Falcke, D. 2018. Intimate partner violence: the predictive power of experiences in the family of origin and of personality disorder traits. *Trends in Psychology*, 26, 75-91.
- Molero-Chamizo, A., Riquel, R. M., Moriana, J. A., Nitsche, M. A., & Rivera-Urbina, G. N. 2019. Bilateral prefrontal cortex anodal tDCS effects on self-reported aggressiveness in imprisoned violent offenders. *Neuroscience*, 397, 31-40.
- Oliveira, K. L. C. de; Gomes, R. (2011) Homens e violência conjugal: uma análise de estudos brasileiros. *Ciência & Saúde Coletiva*. Manaus, v. 16, n. 5, p. 2401-2413.
- Priolo Filho, S. R., Padovani, R. C., & Williams, L. C. A. 2019. Jealousy and anxiety in male domestic abusers: A comparative study. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 36, e180026. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0275201936e180026>
- Serafim, A. P. e cols 2017. *Avaliação neuropsicológica forense*. São Paulo: Pearson.
- Serafim, A.P., Barros, D.M., Castellana, G.B., Goresnstein, C. 2014. Personality traits and violent behavior: A comparison between psychopathic and non-psychopathic male murderers. *Psychiatry Res*. 30: 219 (3) 604-8
- Silva, A. P. J.; Rocha, G. V. M e Serafim, A. P. 2016. Perfil de presos condenados por crimes de morte em penitenciárias do Paraná. In. *A outra face da violência*. Curitiba: Juruá.
- Stenzel, G. Q. D. L., & Lisboa, C. S. D. M. 2019. Life History and Personality Characteristics of Marital Aggressors: Psychoanalytic Contributions. *Paidéia* (Ribeirão Preto), 29.
- Trulson, C. R.; Darin R. Haerle, D. H.; DeLisi, M. e Marquart, J. W. 2011. Blended sentencing, early release, and recidivism of violent institutionalized delinquents. *The Prison Journal*. 91(3) 255–278
- Vasconcelos, C.S.C. e Cavalcante, L.I.C. 2019. Caracterização, reincidência e percepção de homens autores de violência contra a mulher sobre grupos reflexivos. *Psicologia & Sociedade* v. 31. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2019v31179960>
